

Tempo vivido: reflexões acerca da experiência do tempo na vida cotidiana, seus significados e implicações.

Nilton Júlio de Faria
Doutor em Psicologia Social pela PUC-São Paulo.
Docente do curso de Psicologia da PUC-
Campinas.

Resumo

A experiência do tempo há muito tem sido objeto de reflexões da humanidade. Iniciamos a nossa reflexão tomando dois modelos de concepção de tempo, o da natureza e o da cronologia. A seguir, retomamos algumas ideias medievais de Agostinho, que trata o tempo como uma dimensão essencialmente humana, citamos algumas ideias do filósofo e psiquiatra Eugène Minkowski, tais como o termo do *devir* para, enfim, destacarmos as concepções de tempo de Paul Ricoeur, especialmente as tratadas em sua obra *Tempo e Narrativa*, na qual distingue o tempo da experiência e o tempo da consciência, tempos estes constituintes do que, mais tarde, o autor irá chamar de *Identidade Narrativa*. Tendo como referência as proposições de Paul Ricoeur, buscamos explorar as referências racionais acerca do tempo e do tempo vivido nos dias atuais, considerando o desenvolvimento das novas tecnologias de informação que, simultaneamente nos aproxima e nos distancia uns dos outros, colocando-nos, em todos os lugares, com todos e, ao mesmo tempo, em sozinhos e em lugar nenhum. Finalizamos apresentando algumas considerações acerca do fazer da clínica contemporânea frente a esses dilemas.

O que é o tempo?

A experiência do tempo, nos dias atuais, tem se colocado como um problema em diferentes esferas do nosso cotidiano, pode ser identificada nas escolas, na clínica - nos setores público e privado e, principalmente nas relações de trabalho; para não falar do próprio ciclo vital.

Mas, o que é o tempo? Essa não é uma pergunta fácil de se responder, por isso propomo-nos a fazer um rápido resgate histórico de forma a criar um diálogo com diferentes autores e, assim, buscar uma compreensão dos significados e implicações do tempo no fazer psicológico contemporâneo.

Tomaremos Paul Ricoeur como nossa referência para as reflexões que apresentaremos a seguir, em especial sua obra *Tempo e Narrativa* (1983/1994), na qual o autor traça cuidadosos estudos acerca de *Poética de Aristóteles* e *Confissões de Agostinho*. Do primeiro analisa a lógica posta na tessitura de intrigas de uma dada narrativa, enquanto que do segundo toma, em especial, o livro que trata sobre o tempo, sobre o qual, passamos a discorrer.

Para o autor medieval, Deus é onipresente e, assim sendo, o tempo é essencialmente humano e refere a consciência humana quando esta se propõe à medida do tempo. Dentre as várias medidas podemos considera-la sob três dimensões: passado, presente e futuro. Diz, ainda, Agostinho que o passado já foi não podendo, assim, ser alterado. O futuro, por sua vez, não existe se for negado seu acontecimento no aqui-agora. Resta-se assim, apenas o presente, o tempo vivido. Nas palavras do autor: *O que é, pois, o tempo, se ninguém mo pergunta, sei o que é; mas se quero explica-lo a quem mo pergunta, não sei: no entanto, digo com segurança que sei que, se nada passasse não existiria tempo passado, e, se nada adviesse, não existiria o tempo futuro e, se nada existisse não existiria o tempo presente* (Agostinho, 397/2008, p.112)

O tempo como consciência ganha, ao longo da história, várias possibilidades de medidas. Um deles é o da natureza, referência para as ações humanas, como por exemplo o movimento dos astros, que nos dá a medida do dia e da noite; das estações; da semana, dia e ano. O ciclo vital, por sua vez, pode ser expresso por: “tempo de plantar, tempo de colher”, “tempo de nascer, tempo de morrer”. A cultura, frente à sua necessidade de narrar seus feitos, criou não só a necessidade de uma medida humana do tempo, como também construiu sentidos para ele, estabelecendo de relações entre os eventos históricos.

Alfredo Bosi ao discutir o tempo na história, diz que *contar é narrar, contar é numerar* (1992, p. 20), narrar a história, diz ele é sequenciar eventos, e com isso paga-se um tributo ao deus *Chronos*. Essa perspectiva é levada a cabo pelos historiadores positivistas uma vez que, para eles, a cronologia os eventos históricos constituem a

história. As datas sozinhas, no entanto, não nos dizem muito sobre os eventos, é necessário que se apreenda o sentido delas.

Um exemplo do que acabou de se afirmar é o sentido dado pelo desenvolvimento tecnológico como o da industrialização, que modificou às relações de trabalho e, conseqüentemente, as relações entre os homens em suas dimensões sociais e pessoais. Expressões do gênero: “perder tempo”, “ganhar tempo”, “tempo é dinheiro”, remontam a uma nova concepção de tempo, cujo sentido pode ser apreendido pela capacidade produtiva das pessoas, análogas ao modelo industrial,

Bosi (1992) discute o projeto do presidente Juscelino Kubitschek, que em 1956 ao apresentar seu Programa de Metas propõe fazer o Brasil crescer cinquenta anos em cinco, uma proposição desenvolvimentista posta pela construção de Brasília, a abertura do país ao capitalismo internacional; como se vê o desenvolvimento econômico torna-se mais uma medida do tempo, o que vai denotando, por sua vez, um Brasil de contrastes: o moderno x o arcaico, por exemplo.

Podemos, então, resumir essas três perspectivas de tempo em: *tempo de* (Natureza), *tempo quando* (Cronológico) e *tempo como* (Sentido), esse mais subjetivo, vinculado às dimensões artísticas, econômicas, políticas, religiosas, ou seja, as diversas produções culturais constroem suas maneiras de pensar o tempo. Todas essas diferentes formas de observar o tempo reafirmam o pensamento de Agostino de que o tempo é essencialmente humano.

Inspirado em Henri Bergson (1859-1941) o filósofo e psiquiatra Eugène Minkowski busca estabelecer relações entre tempo e o fazer clínico, em especial, na compreensão das psicopatologias, que para ele podem ser entendidas como uma desorientação do tempo e do espaço. O autor inicia seu texto de Tempo Vivido falando sobre o fazer clínico em que muitas vezes o terapeuta busca conhecer relações cronológicas além de sucessão de eventos. *O devir é, para ele, a própria noção de tempo: o tempo escoá, passa, flui de uma maneira irremediável, mas também avança, progride, se vai em direção a um amanhã indefinido e insaciável* (1933/2011, p. 89).

O tempo, visto desta forma, é direção e puro movimento. O autor discorre cuidadosamente a articulação entre o presente, o passado e o futuro, e exatamente por isso, afirma que o tempo tem seu *élan vital*, que cria o futuro antes de nós. O devir é,

pois, (...) *uma continuidade vivida. Nesse aspecto, há que enfatizar a importância da função biológica da memória e da fala, para que a duração possa dar sucessão e continuidade à unidade do eu* (Suassuna & Medeiros, 2009, p.378).

Retomando a obra *Tempo e Narrativa* de Ricoeur, na qual o autor, a despeito do distanciamento temporal, busca uma aproximação entre a *Poética*, de Aristóteles (384-322 a.C.) e *Confissões*, de Agostinho (354-430 d.C.), destacando do primeiro a noção de tempo lógico e do segundo a de tempo da alma, para Ricoeur, *o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal* (1983/1995, p. 85), o tempo narrado é o tempo da consciência humana. Sendo assim, independentemente da concepção de tempo que uso como fundamento, se a perspectiva é da cronologia, da natureza, ou subjetiva, quando narrado/expresso, é tempo da consciência humana.

Por outro lado, o tempo vivido é o tempo da experiência, é esse tempo agora, desse momento que se desfruta e se despertam emoções, sensações, dimensões afetivas, naquele mesmo tempo que nos escapa, conforme apontado mais acima.

O historiador José D'Assunção Barros, ao analisar a obra de Ricoeur, destaca:

O impasse entre o vivido e o lógico, entre Tempo e Narrativa, pode ser exemplificado, desta maneira, pela oposição entre Agostinho e Aristóteles, e é a partir daí que Ricoeur vai desenvolvendo a sua importante reflexão sobre a narrativa histórica. A concepção psicológica do tempo de Santo Agostinho oculta o tempo do mundo, e a concepção cosmológica do tempo de Aristóteles – considerado como movimento dos corpos – oculta o tempo da alma (Barros, 2012, p. 5).

Entendemos que esse conflito constituído pela dialética do tempo vivido (experiência) e do tempo narrado (consciência) é que se geram os sofrimentos cotidiano das pessoas, já que a consciência constituída por uma gama de saberes, valores e crenças construídos pela cultura são, muitas vezes, parecem como que inconciliáveis com a experiência.

Essa dialética entre tempo da experiência e o tempo da consciência é amplamente trabalhada por Paul Ricoeur em *O si mesmo como um outro*, de 1990, quando introduz o conceito de identidade narrativa, na qual concebe a pessoa constituída pela dialética da identidade-*idem* e da identidade-*ipse*: *a primeira revela um indivíduo coincidente consigo mesmo, que se refere mais ao “eu” empírico, individual;*

a segunda refere-se à idéia de um indivíduo genérico, em sua temporalidade (Faria, 1996, p. 70)

O tempo vivido e sofrimento psíquico

Para discutir um pouco mais sobre as diferentes formas de experienciar o tempo, destacamos como a cultura costuma compreender o ciclo vital, isto é, a criança, o adulto e o velho. Para muitos, uma criança tem todo tempo do mundo, para um jovem/adulto, sua vida está apenas começando, e o velho já viveu muito. Nesse exemplo, temos que o tempo da natureza é tomado com referência e pode parecer pertinente a uma pessoa saudável.

Tendo em vista, ainda, o ciclo vital, como seria o tempo para alguém que apresentasse algum tipo de sofrimento ou doença? Essa condição coloca-se em diálogo outras dimensões da existência que não só mais a biológica, a afetividade, por exemplo, pode se fazer como uma parte fundamental para vivência do tempo em cada um e em contextos diferentes. Para um apaixonado, o tempo pode ser lento, torturando-o pelo anseio de encontrar-se com a pessoa amada. Contudo, para um doente terminal, o tempo também pode passar lentamente, torturando-o pelo sofrimento sofrendo pela dor e anseios proporcionados pela doença.

A dimensão afetiva, quando se encontra com a biológica, também gera uma nova forma de experimentar o tempo. Uma gestante, na espera do nascimento de seu filho, aceita sua angustia por compreender que existe um ali um trabalho da natureza. Para uma pessoa na fila de um banco, a espera ganha significados totalmente diferentes. Assim, pode-se afirmar que há infinitas dimensões do tempo vívido que podem ser experienciadas seu cotidiano, e que produzirá significados subjetivos.

Por outro lado, há o tempo objetivo, aquele marcado pelo tempo da consciência, o tempo narrado. Aqui abrange-se todas as exigências atuais do mundo contemporâneo. São as regras, os valores, as crenças impostas pela dimensão cultural, tais como o tempo certo para o ingresso na vida escolar; o momento certo para casar-se e ter filhos. O tempo certo para se obter sucesso profissional e adquirir bens.

Quanto tempo deve durar uma sessão psicoterapêutica? Quanto tempo é necessário para aprovar um novo medicamento. Por certo, a ciência também define seus critérios de temporalidade, criando objetividade para a medida do tempo que acaba por se confundir com o tempo da natureza.

Embora discutido, aqui, em momentos distintos, o tempo subjetivo e o tempo objetivo não podem ser cindidos no nosso cotidiano, contudo, é de maior frequência encontrar pessoas se apropriando mais do tempo narrado, do que do tempo vivido, fragmentando a consciência da experiência. Assim, deparamo-nos com o ponto primordial da nossa reflexão: os sofrimentos proporcionados por tal fenômeno.

A segunda metade do século XX assistiu uma produção cultural sem precedente, que foi o desenvolvimento das novas tecnologias da informação que acabaram por acelerar o tempo. Se por um lado estas novas tecnologias buscaram facilitar as atividades rotineiras e aproximar as pessoas, constituíram-se, por outro, um novo tempo da experiência. Sobre isso comenta Prado Ribeiro:

A velocidade preconizou, ainda, novas formas de relações culturais ao sugerir uma percepção do mundo que passou a exigir novas habilidades sensoriais, o que implicou em diferentes formas de se relacionar com os variados espaços instituídos, modificou, literalmente, a ideia de tempo e espaço (Prado Ribeiro, 2001, p.92)

A aceleração do tempo posta por estas tecnologias parece ter reduzido o tempo de espera, seja para uma busca de informação, uma operação bancária ou a troca de mensagens entre amigos, por exemplo. Gera-se, por sua vez, um imediatismo na busca de soluções para as tarefas cotidianas e para a manutenção das relações sociais. Aqueles que não estão prontos e preparados, ou sem disposições para interagir, resolver ou produzir no menor tempo possível, acaba-se por ser problematizado.

A aceleração do tempo, ao colocar em tensão o tempo da experiência e o tempo da consciência, acaba por gerar sofrimentos psíquicos de diferentes intensidades. Os valores, as crenças, as ideologias, os ditos da ciência, dentre outros, passam a exigir das pessoas uma pronta resposta para as suas proposições. O tempo virtual coloca-nos frente a diferentes conflitos, tais como a experiência de proximidade/distanciamento; sensorial/racional; ação/estagnação; exposição/ocultação, dentre outros; colocando-nos,

em todos os lugares e em lugar nenhum, ao mesmo tempo, que pode ser experimentado como ansiedade, angústia, solidão e narrados como sensação de fracasso.

Considerações Finais

Tempo e Narrativa, de Paul Ricoeur tem sido objeto de estudos em diferentes áreas do conhecimento, tais como a filosofia, a história, a literatura e a psicologia. Nosso intento nesse texto foi o de traçar um pequeno recorte da obra, para orientar nossas reflexões acerca do tempo vivido, mas sem a costumeira fragmentação com o tempo narrado, que é a força de nossas expressões no mundo e que garante a dialogicidade de nossa constituição como pessoas.

A contradição entre fragmentar uma obra para evitar a fragmentação na compreensão do indivíduo pode ser superada pelo empreendimento de termos em abordar um tema de alta complexidade em pouco tempo ou em poucas páginas. Enquanto uma narrativa, esperamos que nossa exposição desperte o interesse dos leitores na busca de uma melhor compreensão sobre a vivência do tempo em nosso cotidiano. O sofrimento; a busca de compreensão, de apoio ou de soluções que são narradas no *setting* terapêutico demonstram uma tentativa de conciliação entre a tensão posta pelo tempo da experiência e o tempo da consciência, para além da trama, releva um conflito da pessoa consigo mesma e, ao mesmo tempo, dela com a cultura.

Referências Bibliográfica

AGOSTINHO (397/2008). CONFISSÕES. PORTUGAL. COVILHÃ: LUSOSOFIA:PRESS.

BARROS, JOSÉ D' ASSUNÇÃO (2012). TEMPO E NARRATIVA EM PAUL RICOEUR: CONSIDERAÇÕES SOBRE O CÍRCULO HERMENÊUTICO. IN FÊNIX – REVISTA DE HISTÓRIA E ESTUDOS CULTURAIS JANEIRO/ FEVEREIRO/ MARÇO/ ABRIL DE 2012 VOL. 9 ANO IX Nº 1

BOSI, ALFREDO (1992). O TEMPO E OS TEMPOS. IN TEMPO E HISTÓRIA. SÃO PAULO CIA. DAS LETRAS,

FARIA, NILTON JÚLIO (1996). A TRAGÉDIA DA CONSCIÊNCIA: ÉTICA PSICOLOGIA E IDENTIDADE HUMANA. PIRACICABA: UNIMEP.

MINKOWSKI. EUGENE (1933/2011). TEMPO VIVIDO. IN REVISTA DA ABORDAGEM GESTÁLTICA.

PRADO RIBEIRO, R. DONATO (2001). CULTURA HISTÓRICA E AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO. TESE DE DOUTORAMENTO APRESENTADO JUNTO AO PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO.

RICOEUR, PAUL (1983/1994). TEMPO E NARRATIVA. CAMPINAS-SP: PAPIRUS.

SUASSUNA, VIRGINIA E. & MEDEIROS, MARCELO (2009). O TEMPO VIVIDO NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA DE EUGÈNE MINKOWSKI. IN REVISTA DA ABORDAGEM GESTÁLTICA.